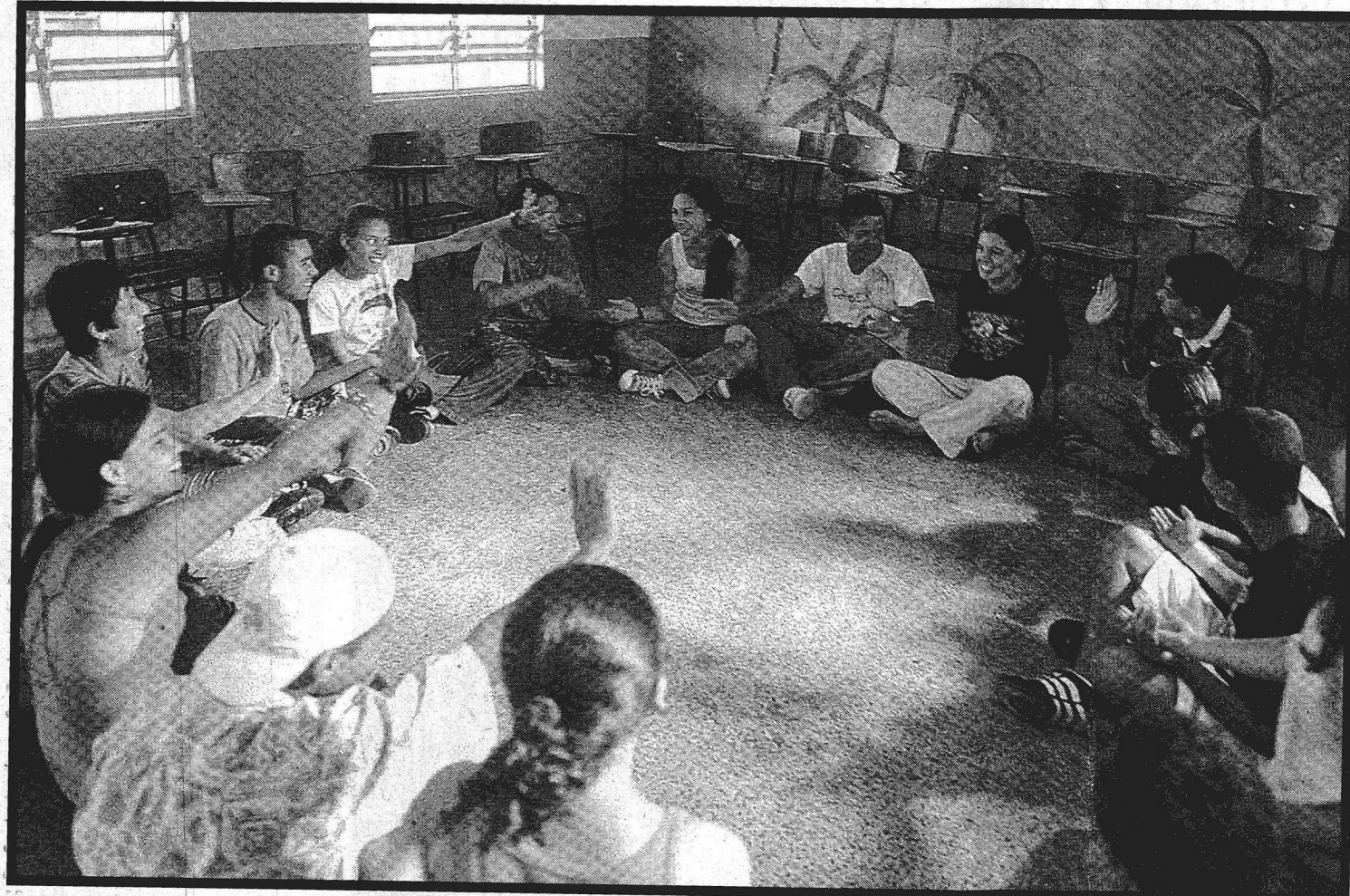


TOMBAMENTO

Educação patrimonial é pouco difundida. A sala de aula é o lugar ideal para desenvolver a consciência de preservação nos alunos

Adauto Cruz



ALUNOS DO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 1 DO RIACHO FUNDO DISCUTEM A MAGIA DA CIDADE TOMBADA APÓS VISITAS AOS MONUMENTOS DA CAPITAL

Preservar a cidade se aprende na escola

Tarciano Ricarto
Da equipe do **Correio**

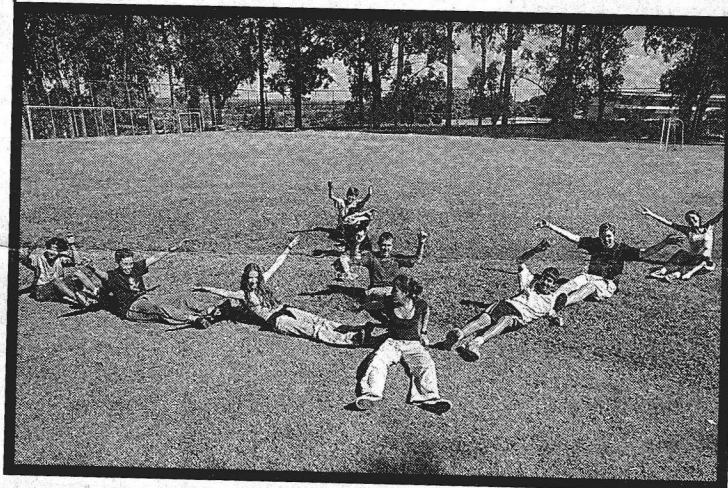
Preservar Brasília é lição que também se aprende na escola. Didática que não exige dos alunos dever de casa. Pois é na rua onde está a tarefa de cada um deles. O bê-a-bá da cartilha da preservação é conhecer a cidade. Um aprendizado que se traduz em desafio para alunos que, apesar de morar num lugar tombado (ou perto dele), são acometidos de uma espécie de analfabetismo patrimonial. Desconhecem a cidade e não se identificam com ela. Um veneno para Brasília.

Mas, contra ele, existe um antidoto rotulado de Educação Patrimonial. A fórmula — no Brasil desde o início dos anos 80 — foi recentemente testada por alunos da 8ª série, da Escola Americana de Brasília. A ideia de fazer um vídeo sobre a capital federal conduziu a turma à redescoberta do lugar onde moram. Observaram a cidade sob outro foco, discutiram a preservação, buscaram o significado do tombamento, identificaram agressões ao patrimônio.

Enfim, enxergaram uma Brasília diferente daquela que estavam acostumados a olhar e registraram a experiência num filme de oito minutos. Como eles, alunos do Centro de Ensino Fundamental 1 (CE-1), do Riacho Fundo, também condicionaram a visão para captar o espírito da Brasília tombada. Visitaram monumentos, vasculharam museus, devoraram livros, estudaram a origem da cidade. Em cada experiência, novas impressões sobre o espaço urbano, que foram transformadas em textos e poesias.

“A ideia da educação patrimonial parte da experiência concreta. É chutar a pedra e saber por que doeu o pé. É um aprendizado que nasce da experimentação”, define Lourdes Horta, pioneira no ensino patrimonial no Brasil e diretora do Museu Imperial de Petrópolis, do Rio de Janeiro. “Conhecer para preservar. Essa é a base da educação patrimonial”,

José Varella 6.6.01



ALUNOS DA 8ª SÉRIE DA ESCOLA AMERICANA PRODUZEM VÍDEO SOBRE BRASÍLIA

completa Ricardo Oriá, consultor Legislativo da Câmara dos Deputados — atualmente, desenvolvendo projeto de doutorado sobre patrimônio, pela Universidade de Brasília (UnB).

DESCARACTERIZAÇÃO

Numa cidade que corre riscos de descaracterização, materializar esses conceitos em sala de aula é um passo rumo à preservação. “A sociedade só preserva o que tem sentido para ela. Se não tiver convicção da importância do patrimônio, vai destruir”, completa Lourdes Horta. Foi essa importância que os alunos da Escola Americana de Brasília e do Centro de Ensino do Riacho Fundo descobriram, quando se propuseram a perceber a cidade de maneira diferente.

“Como é que as pessoas vão preservar se não sabem os motivos?”, pergunta a aluna Elisa Ferreira, da Escola Americana, que agora se diz defensora do tombamento da cidade. “Nasci aqui e quero que os meus netos vejam as mesmas coisas que eu vi”, reforça. “Antes, não conhecia nada de Brasília. Hoje, minha visão é muito diferente. Se todos os alunos da escola passassem a conhecer a cidade, iriam ver como é importante preservá-la”, diz Joesse Sousa, aluno do CE-1.

Muitos alunos da Escola Ame-

ricana de Brasília têm opinião semelhante. “Sou a favor do tombamento. Quero que a cidade fique assim para as gerações futuras”, defende Diego Monteiro. Sua turma tratou de mostrar na fita uma Brasília de contrastes, que se divide entre a depredação e a preservação. “Fiquei muito impressionado. É um local onde a pobreza convive ao lado da riqueza dos monumentos”, opina Diego.

Mas as opiniões são divergentes na turma. Há quem duvide da importância de manter as características originais da cidade. “Acho que esse negócio de patrimônio impede a cidade de crescer”, argumenta Eduardo Ximenes. “Não tem necessidade de a cidade inteira ser tombada.”

SENTIMENTO

Para Lourdes Horta, discordar desse ou daquele item da preservação faz parte do processo de construção de uma identidade com o objeto tombado. “Você pode até dizer que gosta disso e não gosta daquilo. O importante é se relacionar de alguma forma com o lugar”, afirma. “A educação patrimonial permite desenvolver o sentimento de propriedade. O aluno, além de conhecer, passa a se sentir parte”, reforça Ricardo Oriá.

A pedagoga Edriane Daher, que coordena o projeto com os alunos

do Riacho Fundo, comemora os resultados de um ano de trabalho. “Hoje, eles se orgulham de ser brasiliense. Estimulo neles o sentimento, porque só há proximidade se existir uma relação afetiva com a cidade”, afirma. Os resultados da experiência de educação patrimonial também empolgaram a professora de história Elizângela Carrijo, que orientou a produção do vídeo na Escola Americana. “Muitos alunos, que antes não gostavam da cidade, mudaram de opinião depois que participaram do trabalho”, garante.

INICIATIVAS ISOLADAS

A pesar do sucesso das experiências, elas ainda são iniciativas isoladas nas escolas do DF. “A sensibilização para a importância da educação patrimonial é um processo lento e depende muito de quem ocupa o poder em cada época”, opina Grace Elizabeth, técnica do Departamento de Promoções, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Ela lamenta a extinção do projeto *Turismo Aprendiz*, que era desenvolvido pelo GDF na gestão anterior. O projeto, que levava alunos das escolas públicas para conhecer pontos turísticos de Brasília, chegou a ganhar um prêmio nacional. “Hoje, desconheço qualquer iniciativa nesse sentido”, lamenta Grace.

Lourdes Horta, do Museu Imperial, afirma que basta boa vontade para desenvolver com alunos experiências de educação patrimonial. “Em qualquer disciplina é possível falar de patrimônio”, ensina.

Entretanto, não se trata de uma nova disciplina. “A educação patrimonial é um tema interdisciplinar. Sou contra que seja abordada como uma disciplina. As escolas precisam estar livres para criar seus projetos, de acordo com suas necessidades”, diz Ricardo Oriá, consultor da Câmara dos Deputados nas áreas de educação e cultura.